

Fernando Molica

O prazer da leitura é que gera leitores

Um dado meio que perdido na pesquisa Retratos da Leitura 2024 é essencial: apenas 8% dos que têm hábito de ler consideram que a atividade é “interessante e prazerosa”.

Entre os 47% considerados leitores pelos critérios do levantamento, 46% afirmaram que a leitura “traz conhecimento”. Trata-se de uma constatação importante e incotestável, mas dá à prática um peso de utilidade. É como alguém dizer que faz sexo por recomendação médica ou para apenas para gerar filhos ou que bebe vinho para reduzir o colesterol.

A pesquisa reforça os muitos motivos que afastam brasileiros de livros, a começar pelos abismos na educação e de renda (apenas 18% dos entrevistados

têm curso superior; 75% são das classes C, D e E).

Há também o explosivo crescimento do uso da internet no tempo livre (78% dos ouvidos, contra 66% em 2019 e 47% em 2015 — os percentuais ficam entre 93% a 89% na faixa que vai dos 14 aos 39 anos).

Mas todos os problemas estruturais e conjunturais seriam menores se houvesse uma maior percepção de que livro é, principalmente, fonte de prazer. Sim, a leitura gera saber, amplia visões de mundo. Tudo isso é muito bom, mas nada substitui a deliciosa e fascinante experiência de ler.

Num país tão injusto, livros acabam muitas vezes associados a mecanismos de opressão e de legitimação de poderes. As elites que historicamente escrevem e leem costumam ser as que governam,

que criaram ao longo dos séculos mecanismos de exclusão social — a imagem de uma linda biblioteca é capaz também de intimidar.

Bater apenas na tecla que associa livro a conhecimento acaba, muitas vezes, reforçando a ideia de que ler é uma tarefa. Algo importante, mas chato, como a necessidade de estudar para uma prova.

É comum haver famílias que consideram meio esquisitos adolescentes ou crianças que dedicam parte de seu tempo aos livros. Não conseguem entender as muitas viagens que aquela menina ou aquele menino faz em silêncio.

As agora sistemáticas campanhas contra determinados livros pioram a situação. Movidas pelo preconceito e pelo oportunismo, costumam focar em obras que tratam de temas que fazem par-

te da vida cotidiana, como sexo, drogas e racismo.

E tome de baboseira e de preconceito. Um jorro de imbecilidades que, de um modo geral, revela muito sobre os medos de quem reclama, pessoas que temem lidar com seus próprios desejos e dúvidas, que se acorrentam a convicções políticas e religiosas para tentar evitar encarar suas questões.

Uma panfletagem que procura impedir o básico, o encontro de crianças e jovens com livros que dialogam com suas realidades e dúvidas.

Histórias que abrem caminhos e possibilidades, auxiliam na compreensão do outro, revelam a beleza do uso do idioma, ampliam as possibilidades das palavras. Ler é bom porque é muito bom — todo o resto é consequência.

Sérgio Cabral*

Fé na democracia

Era janeiro de 2018, eu estava há pouco mais de um ano preso pela operação lava-jato, a versão “soft power” dos reacionários e golpistas atávicos do Brasil, que destruiu as maiores empresas de infraestrutura do país, reputações de pessoas e partidos políticos, maculou os três poderes do Estado Democrático de Direito e levou o país à sua maior crise após a Constituição de 1988.

O juiz da operação aqui no Rio era um medíocre e desconhecido magistrado da Sétima Vara Federal do TRF-2, que substituiu o titular que havia tirado licença para estudar no exterior. Fui preso no dia 17 de novembro de 2016. Menos de um mês antes da minha prisão, um político importante de Petrópolis me visitou e disse que gostaria de me apresentar ao tal juiz, cuja titularidade anterior era uma vara federal na cidade imperial. Disse-me o político que o tal magistrado estava desbundado com sua exposição midiática. Estreou para os holofotes da lava-jato ao prender Othon Luiz Pinheiro da Silva, um físico e engenheiro nuclear brasileiro, Vice-Almirante do Corpo de Engenheiros e Técnicos Navais da Marinha do Brasil. Havia sido presidente da Eletronuclear. Um dos nomes mais expressivos da história do programa nuclear brasileiro.

O tal juiz havia dado em sua sentença mais de 45 anos de prisão ao oficial da marinha brasileira, além de ter prendido e condenado sua filha.

O político petropolitano me mostrou o seu diálogo com o juiz: “...você viu a repercussão da prisão do Almirante? A imprensa já me chama do novo Sérgio Moro”. Na sequência, dia 17 de novembro, fui brindado com duas prisões preventivas simultâneas dos efêmeros astros da 13ª Vara Federal de Curitiba e da 7ª Vara Federal do Rio. Fato inédito e único

da maldita operação e, creio, na história do país. Uma promiscuidade de alguns representantes do ministério público federal e de dois juizes, ávidos e deslumbrados com seus dias de fama alimentados pela cobertura midiática — os tais 15 minutos de fama, frase atribuída ao gênio Andy Warhol.

No final de 2017, em audiência, o tal juiz ficou indignado por eu ter dito em minha defesa que não fazia sentido me acusar de lavar dinheiro com jóias presenteadas à minha então esposa, pois ele, por ter familiares proprietários de negócios de bijuterias, sabia muito bem que joias, assim como automóveis, já saem das lojas desvalorizados. Irritado pelo meu questionamento, junto com um desses procuradores que desmoralizavam o parquet nacional, com o sugestivo sobrenome de Pinel, decidiram me transferir para um presídio de segurança máxima pela ousadia de questionar o juiz herói da moralidade e blindado pela grande mídia.

Assim como o STF barrou esse absurdo, inventaram que eu tinha uma super tv em minha cela. Na verdade, a cela que eu ocupava com mais 7 presos na ocasião, tinha uma tv de 16 polegadas e a tal tv estava instalada no pátio do presídio, para os familiares e presos terem o mínimo de distração durante as duras e dolorosas visitas. Assim como havia tvs maiores nos pátios de outros presídios do Rio. Mas a imprensa acreditou e repercutiu tal mentira. Assim como a imprensa deu ressonância, depois de uma das inúmeras batidas contra mim, que eu tinha queijos de cabra e camarões no meu tambor de papelão, onde os presos mantinham seus alimentos perecíveis com gelo, que éramos obrigados a comprar diariamente de uma verdadeira máfia de gelo que abastecia os presídios do Rio.

Era a forma que encontrávamos para preservar nossos alimentos levados com tanto sacrifício por nossas famílias.

As comidas não eram minhas. Eram de outro preso. Mas botaram na minha conta. Camarão, por exemplo, eu não comia há mais de 20 anos, bastava ver a receita médica prescrita nos meus dados na enfermaria do presídio de Benfica, para constatar a prescrição de Zyloric 100 mg, por eu ter, na época, taxa alta de ácido úrico.

Bem, como disse, em janeiro de 18, as duas centrais do golpe, Curitiba e Rio, mais uma vez, simultaneamente, decidiram me transferir para São José dos Pinhais, no Paraná, em um festival de absurdos cujo clímax foram imagens que circularam o Brasil e o mundo comigo acorrentado nas mãos, cintura e nos pés.

A visita dos familiares na cidade paranaense, no CMP, era somente sexta-feira e de 13h às 16h. Meus filhos foram e são verdadeiros heróis. Lá, nem tambor de papelão com gelo havia para os presos da lava-jato. A comida deixávamos no chão frio para aguentar até, no máximo, domingo. Depois, era comer a péssima alimentação do presídio. Os presos pedófilos, estupradores, milícia, delinquentes e marginais do PCC e do Comando Vermelho tinham melhores condições que nós, presos da lava-jato, nem sonhávamos em ter.

Do Paraná soube do cruel e bárbaro assassinato de uma jovem oriunda

do Complexo da Maré, ve-readora do Rio pelo PSOL, de nome Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes. Como também soube da entrega do comando da segurança pública do estado, pela incompetência de meu sucessor, ao governo federal. Que designou o general Braga Neto como interventor no Rio.

Fiquei chocado com as duas informações que doeram minha alma.

Quando consegui voltar para o Rio, por decisão unânime da Segunda Turma do STF, fui levado diretamente para Bangu 8, onde encontrei a biblioteca e uma pequena academia de ginástica, que em suas paredes tinham os registros de suas inaugurações com meu nome gravado, destruídos pelo general interventor que mandou a polícia do exército devastá-las antes da minha chegada. Como governador eu havia instalado bibliotecas e academias em diversos presídios do estado, assim como fiz creches para os filhos das policiais penais, escolas para os presos, UPA 24h no complexo presidiário e outras iniciativas.

Mas o “mundo gira e a lusitana roda...”

A fé em Deus, o amor da minha família e o legado de realizações que deixei, principalmente para o povo desfavorecido do meu estado, me sustentaram 6 anos e 1 mês de calvário.

Braga Neto e outros respondem à tentativa de assassinato do Presidente Lula, do Vice-Presidente Alckmin, eleitos e não empossados e do então Presidente do Tribunal Superior Eleitoral e Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes. A Polícia Federal desvendou a operação macabra.

Ao longo da história republicana o Brasil vivenciou golpes e contragolpes de gente que tem horror de povo e da democracia.

Mas o Estado Democrático de Direito tem superado todos os obstáculos. E o país segue na direção de ser mais justo e equânime. Assim eu creio.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

EDITORIAL

Hábitos que costumam caro duplamente

O impacto financeiro do consumo de alimentos ultraprocessados e bebidas alcoólicas sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) é alarmante. Estudos recentes da Fiocruz, em colaboração com as organizações ACT Promoção da Saúde e Vital Strategies, estimam gastos anuais diretos de R\$ 933,5 milhões relacionados à má alimentação e um custo total de R\$ 18,8 bilhões devido ao consumo de álcool. Esses números não apenas evidenciam a sobrecarga do sistema público, mas também escancararam a urgência de ações efetivas para conter esse problema.

Assim como ocorreu com as campanhas de combate ao tabagismo, é necessário que a sociedade adote uma abordagem múltipla, que combine conscientização, regulamentação e medidas fiscais. A implementação de impostos seletivos sobre produtos ultraprocessados e bebidas alcoólicas pode ter um duplo efeito: reduzir o consumo e financiar o tratamento das doenças geradas por esses produtos. Além disso, há um ganho progressivo de longo prazo, com menor pressão sobre o SUS, aumento da expectativa de vida e redu-

ção dos custos econômicos gerados pela perda de produtividade.

Os alimentos ultraprocessados, ricos em açúcares, gorduras e sódio, estão intimamente ligados ao aumento de doenças como diabetes, hipertensão e obesidade, todas fatores de risco para complicações mais graves, como cânceres e demências. O consumo de álcool, por sua vez, é uma das principais causas de doenças hepáticas, cardiovasculares e neurológicas, além de acidentes de trânsito e violência, cujos custos humanos e financeiros são incalculáveis.

Campanhas que explicitem esses danos à saúde e ao sistema público são indispensáveis para conscientizar a população. A informação precisa e acessível pode transformar comportamentos, mas só será verdadeiramente efetiva se aliada a políticas públicas estruturantes, como o incentivo à agricultura familiar e à distribuição de alimentos in natura. Essa combinação poderia criar um ciclo virtuoso, promovendo a saúde da população, fortalecendo a economia local e reduzindo a dependência de alimentos industrializados.

A arte de saber viver

“Viver é uma arte, um ofício, só que precisa cuidado”. De fato, quando Rogério Flausino escreveu “Do seu Lado”, nunca poderia imaginar que este verso poderia cair bem com qualquer parte da vida. Ou se imaginou, foi um visionário.

A vida nem sempre é um mar de rosas. Tem seus desafios, seus altos e baixos e o pior (ou melhor) é saber com enfrentá-lo da melhor forma possível.

Nem sempre estará de bom humor. As vezes acordamos de mal humor, com vontade de não fazer nada; de ficar na cama, olhando para o teto e refletindo no que podemos fazer para melhorar a cabeça.

O que não se deve esquecer é de que mente e coração formam um só corpo e muitas das vezes não se deve agir apenas na razão ou na emoção, e sim realizar um equilíbrio entre os dois, para fazer a máquina funcional. Afinal, nosso corpo é sim uma

máquina, cheio de sistemas, com cada um funcionando da sua forma, para fazer o objeto funcionar em perfeito estado.

Quando uma situação não está boa, devemos procurar ajuda. As vezes, pode ser a mais simples do mundo. Outras, um tratamento longo, misturando remédios e ajuda de outras pessoas queridas.

O que não se pode deixar é esmorecer e evadir-se do seu propósito de vida. Nunca é fácil descobrir, mas quando consegue, dá um alívio e consegue perseguir o seu norte na vida.

Sonhar, ter metas, conquistar, realizar ações e desejos nos motivam a sermos melhores, mas se não tiver isso, ficamos no escuro.

E assim é o cuidado que precisamos ter na vida, nunca se deixar levar pelas frustrações e fazer viver de realizações, para ficarmos felizes, alegres e contentes sempre.

Opinião do leitor

Investigações da PF

A polícia federal é uma instituição de respeito no país, mas algumas investigações podem vir a ter cunho partidário. Acho ruim isso, pois deveria ser isenta, independente do governo que está no poder.

Robervaldo Fagundes Filho
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: 60 MIL HOMENS SÃO MORTOS EM COMBATE NA CHINA

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de novembro de 1929 foram: Resultados não oficiais atestam que o general Ortiz Ru-

bio é o novo presidente do México. Há boatos de que tropas revolucionárias perderam 40 mil homens e as nacionalistas 20 mil, num combate

na China. Projeta-se uma linha área postal de dirigível entre Washington e Buenos Aires, passando por várias cidades do Brasil.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA MODIFICA NORMAS DA CAPITANIA DOS PORTOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de novembro de 1949 foram: Congresso colombiano responsabiliza o presidente

Ospina pelo caos no país. Câmara aprova preposição que modificou o regulamento da Capitania dos Portos. Estudantes e sociedade civil

pressionam a UDN para lançar a candidatura de Eduardo Gomes à presidência. Senado modifica prazo dos vetos do prefeito do DF.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.